

Resumo da introdução do livro “A agricultura familiar” (LAMARCHE, H.)

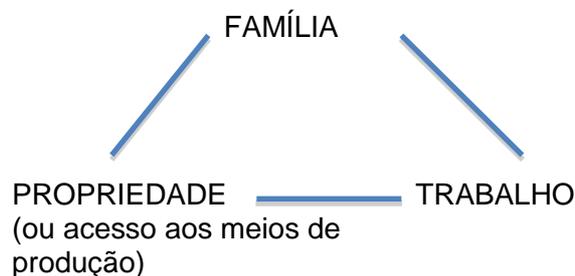
**Guilherme Scudeller e Denis Salmazo
com contribuições dos grupos e do professor**

O texto de Lamarche promove uma reflexão que incita a pensar a agricultura familiar organizada em torno de um eixo definido pelo seu grau de interação na economia de mercado, incluindo-se os planos técnico-econômico e sociocultural. Seja qual for este grau de integração, o autor pressupõe que esta produção agrícola familiar, invariavelmente, é assegurada por explorações nas quais a família participa da atividade produtiva (tanto na gestão quanto na execução das atividades).

Entretanto, dependendo da época e do lugar, a agricultura familiar ocupa um lugar distinto: pode participar intensamente da integração econômica, pode ser vista como um símbolo de desenvolvimento da agricultura ou ser vista apenas como um resíduo de uma economia de subsistência.

No que se refere à definição da exploração familiar, o autor propõe um esquema de análise amplo, a fim de delimitar o objeto de estudo, sem restringir seu significado a uma definição extremamente precisa:

“A exploração familiar, tal como a concebemos, corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família. A interdependência desses três fatores no funcionamento da exploração engendra necessariamente noções mais abstratas e complexas, tais como a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração”. (LAMARCHE, H. 1993, pág.15)



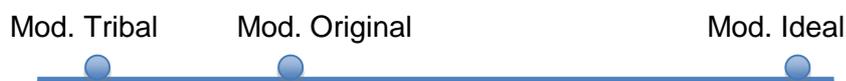
A diferença entre exploração camponesa e exploração familiar

A exploração camponesa não tem como prioridade uma busca por rentabilidade crescente ou altas taxas de produtividade. Ela busca a manutenção da propriedade familiar e da exploração agrícola, ou seja, busca manter determinadas condições culturais e sociais, colocando a família no centro das escolhas em torno da produção.

As explorações familiares (ou a agricultura familiar) podem ter sua produção voltada para atender ao mercado. Conseqüentemente, busca em muitos casos atingir metas crescentes de rentabilidade e de produtividade. Assim, um ponto a ressaltar é que toda exploração camponesa é familiar, ao passo que nem todas as explorações familiares são camponesas.

Convém agora apresentar os modelos concebidos por Lamarche para a análise da agricultura familiar. O Modelo Ideal de agricultura familiar é aquele em que o agricultor projeta para o futuro uma determinada imagem de sua atividade. Também é aquele com vistas ao qual organiza suas estratégias e toma suas decisões segundo uma orientação que tende sempre, mais ou menos, em direção a essa situação esperada. O Modelo Original, por sua vez, é o conjunto anterior de dados e conhecimentos ao qual todo agricultor, mais ou menos conscientemente, necessariamente se refere.

Lamarche propõe uma maneira de correlacionar o Modelo Original e o Modelo Ideal: por meio de uma representação de um eixo escalonado segundo o grau de integração do mercado. Cada modelo se encontra em uma extremidade desse eixo. Pode-se incluir um ponto sobre esse eixo que represente outro modelo quase independente da sociedade global, chamado de modelo Tribal (proveniente do modo de funcionamento das sociedades selvagens), que pode se comparar a um modelo de subsistência.



Sob outro enfoque, esse eixo pode representar os níveis de influência da sociedade global sobre o funcionamento das explorações. Dessa forma, estaria de um lado o patrimônio sociocultural que cada família tem e, de outro, as escolhas políticas da sociedade global que afetam essas famílias.

Para se realizar uma análise do funcionamento da exploração familiar e suas perspectivas futuras deve-se considerar duas forças: a memória que essas famílias guardam de sua história (representada pelo passado e a tradição) e as ambições que almejam. Cabe ressaltar aqui que estes conhecimentos e saberes tradicionais terão grande influência nas escolhas dos agricultores familiares em termos de suas adaptações à lógica de produção econômica contemporânea, a fim de atender suas exigências.

Para que atinjam, ou ao menos se aproximem do Modelo Ideal, essas famílias dependem não apenas de seus próprios projetos para o futuro, mas também do que a sociedade planejou para eles, o que explica as oscilações por que passam alguns exploradores familiares: ora desempenham um papel central, ora se estagnam, diminuem ou até mesmo são eliminados.

Deve-se salientar que não há uma orientação, com um ponto de partida e de chegada, no eixo utilizado para ilustrar a ideia. Não se deve pensar em evolução histórica, em que as explorações familiares caminham para um mesmo destino.

Quanto ao modelo original, uma breve comparação leva a considerar que na França e sul do Brasil, as explorações familiares se originam do modelo Camponês. Já em algumas regiões da Tunísia essas explorações referem-se ao modelo Colonial, fundado na produção mercantil com uso de mão de obra exterior à família. Um modelo Colonial está presente em grande parte do território brasileiro, ligado a uma colonização de exploração, o que difere de colonização de povoamento, que predominou nos Estados Unidos.

De qualquer forma, as variações no processo de transferência do patrimônio sócio cultural moldam exploradores que, mesmo pertencendo a um mesmo modelo, podem não ser idênticos quanto a seus valores e ambições para o futuro.

A agricultura familiar é heterogênea. Apesar de passar a ideia de que se constitui de grupos sociais limitados que têm em comum uma forte relação entre família e produção, as explorações familiares agrícolas não constituem um grupo social homogêneo, ou seja, elas contêm dentro de si uma grande diversidade. Assim, não constituem uma classe social, no sentido marxista do termo.

No Brasil, a complexidade de se definir a categoria agricultura familiar, do ponto de vista teórico, ainda é maior em razão da extensão territorial do país, das particularidades regionais e da diversidade de atividades exercidas. A definição administrativa-política estabelecida em razão do Pronaf permitiu identificar três tipos de agricultura familiar: aquela *consolidada*, que já estaria integrada ao mercado e com apropriação das tecnologias; aquela *em transição*, parcialmente incluída nos aparatos tecnológicos e na lógica de mercado; e aquela *periférica*, unidades de produção agrícola consideradas inviáveis, necessitando medidas de reforma agrária e dependendo de atividades consideradas não agrícolas. Em boa medida, o Pronaf visa o crescimento do segmento de agricultura *consolidada*.

Noções de bloqueio e ruptura

A primeira noção (bloqueio) corresponde a uma situação que não permite ao explorador familiar colocar em prática suas estratégias para atingir o Modelo Ideal (ex.: não

fornecimento de crédito aos pequenos exploradores por falta de garantias financeiras). O controle do regime socialista polonês sobre as terras é um exemplo histórico de bloqueio para que o pequeno agricultor atinja o modelo ideal.

Já a ruptura corresponde a um antagonismo entre o Modelo Ideal e o modelo dominante imposto pela sociedade global. Um bloqueio pode acarretar uma ruptura quando, não sendo mais viável o acesso ao Modelo Ideal, a única saída é a extinção daquela exploração familiar. Nas sociedades industrializadas, a situação enfrentada pela agricultura camponesa frente a esse modelo de organização econômica provoca grande êxodo rural, que ilustra o conceito de ruptura.

O sucesso das explorações familiares, que conseguiram se manter diante de instabilidades climáticas, coletivização de terras, mudanças socioculturais determinadas pela economia de mercado, deveu-se principalmente à adaptação diante das novas exigências. Assim, pode-se afirmar que a exploração familiar continua presente em toda parte do mundo, graças à sua grande capacidade de adaptação.